

**Pessoal docente/Membro do Conselho Pedagógico**

**P: De uma forma sucinta, faça, por favor, uma apresentação de si próprio. Há quantos anos lecciona nesta escola? Faz parte de algum órgão directivo da escola?**

R: Sou licenciado pela ESMAE em canto. Lecciono nesta escola há 6, 7 anos não posso precisar mas já trabalho há cerca de 12 anos noutra escola. Comecei por leccionar História da Música e Acústica. Faço parte do Conselho Pedagógico (CP) da escola onde represento os docentes das disciplinas anexas.

**P: Considera-se um professor activo e interventivo na vida da escola?**

R: Sim. Não concebo uma escola sem uma participação activa. Há colegas que por leccionarem horários pequenos e leccionarem em muitos sítios ao mesmo tempo têm uma participação passiva. Vêm dar aulas, não conhecem os problemas da escola. Esta poderá ser uma visão muito generalista mas tenho a ideia de que os colegas por norma não participam na sua grande maioria. Como sou da zona vejo-me mais próximo da instituição, mas reafirmo que não concebo que dentro da escola um professor não faça parte ou não se envolva no processo educativo, quer considere o nível da burocracia administrativa quer o nível pedagógico. Aquela coisa de que o professor de música só sabe dar aulas acho que é desajustada, é uma ideia peregrina. Pessoalmente interesse-me pelas leis, pelas regalias, pelos direitos e deveres e depois a nível pedagógico sou bastante activo, tento fazer a minha parte na dinamização da vida da escola propondo audições, concertos, visitas de estudo, intercâmbios, sobretudo para valorizar a escola. Acho que esta escola se diluiu num conjunto de instituições que foram criadas que contribuíram para que perdesse um pouco da sua essência. Estudei nesta escola e recordo-me que a escola tinha uma identidade. Era uma escola conhecida. Há um conjunto de manifestações que se sobrepuseram à instituição e isso não é bom. Temos vindo a fazer um esforço para que a escola sobreviva independentemente do resto. O resto é importante mas a escola é ainda mais importante.

**P: Os contactos que mantém com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola são efectuados com que finalidade? Como procede para resolver assuntos de carácter administrativo? E pedagógico?**

R: Quando preciso de recorrer à DP é sempre para pedir determinado tipo de autorização como trazer um colega que vai fazer uma comunicação aos alunos. Como tenho um relacionamento muito próximo e informal com a DP a maior parte das vezes não tenho um motivo evidente, são conversas que se estabelecem voluntariamente. Para resolver assuntos de carácter administrativo como questões de ordem salarial ou de funcionamento dirijo-me à administração, directamente não, nós temos feito isso em reuniões. Para resolver um problema específico, que me recorde nunca fui directamente à administração.

**P: Os problemas e assuntos que coloca ao director pedagógico/direcção pedagógica têm sido por norma resolvidos ou eternamente adiados?**

R: Alguns são facilmente solucionáveis, também não ponho muitos problemas. Há algum tempo atrás colocamos algumas exigências para obter equipamento como a criação de uma biblioteca, a compra de CD's. Nessa altura exigimos que nos fossem dadas condições e essa decisão demorou. Hoje em dia temos uma biblioteca e uma discografia interessantes. As coisas não se resolvem com facilidade. Mais um exemplo: propus uma visita de estudo e a visita foi solucionada. Todas as questões burocráticas que se levantaram foram ultrapassadas. Há, por outro lado situações que ultrapassam a própria Academia. Estava programada uma visita de estudo ao Museu da Música mas à última da hora o autocarro da câmara que estava destinado, falhou.

**P: As decisões de âmbito pedagógico e administrativo determinadas pelos superiores hierárquicos têm sido geralmente bem aceites por todos ou têm sido contestadas?**

R: Algumas decisões são contestadas. Por exemplo questões de ordem financeira que foram muito contestadas: pagar hora dada hora paga, contagem de tempo de serviço, recibos verdes, foram questões que nós corpo docente sempre contestámos. Não é contestar por contestar. Temos de lutar por aquilo que achamos justo. Nenhum dos professores naturalmente ficou satisfeito por saber que, de repente, iria ganhar só 12 meses de salário. Há, infelizmente, muitas decisões administrativas que se sobrepõem a decisões pedagógicas. A

escola teve decisões administrativas muito questionáveis como professores nas mesmas circunstâncias a ganharem mais do que outros, com contratos diferentes; colegas que foram premiados administrativamente relativamente a outros como por exemplo receberem 14 meses e isso criou um mau clima no interior da instituição. Isto passou-se numa direcção anterior. Lembro-me que, se isso é ser activo, fui um dos que mais se indignou com a situação. A justificação que me deram é que havia méritos e eu perguntei quem avaliava esses méritos. Há disciplinas que têm uma maior visibilidade e, se calhar, sou preterido em relação a outros. Não quero ter regalias superiores a ninguém, quero ter as minhas. Nesta escola o contrato de trabalho não está a ser cabalmente cumprido. Temos direito a 14 meses de vencimento e só recebemos doze. Há ainda outras pequenas decisões que são discutíveis como não permitir que os alunos utilizem a escadaria principal para subirem ao 1º andar. Claro que essas decisões caem pela base. O papel do CP é importante na dinamização pedagógica da escola, mas há questões que deveriam ser da sua competência e que a DA ignora ou ignorava. Veja, quando vim para cá trabalhar fui ouvido pela DA e não pela DP, isto é um contra-senso. A avaliação do professor compete à DP. Claro que há aspectos de natureza administrativa mas a decisão de contratação dos professores é, sem dúvida, uma decisão pedagógica.

**P: Considera haver na escola um ambiente favorecedor de práticas democráticas em que a participação dos diferentes actores na definição das políticas educativas é correntemente solicitada?**

R: Eu acharia que sim se a escola tivesse um corpo docente estável. Neste momento existe uma prática democrática que ao mesmo tempo não o é. Mas não é por parte da própria escola. É por parte de quem deveria exigir esse mesmo acto democrático. Senão vejamos: a maior parte dos professores permanece pouco tempo na escola. Eles podem exigir, mas a maior parte não se sente capaz para tal. Esses professores não estão por dentro. A escola tem duas identidades, por um lado, um conjunto de professores que mesmo não tendo horários muito grandes são da terra, sentem a escola como sua. Por outro lado, há professores que não fazem parte da identidade da escola: são os que permanecem pouco tempo e estão há pouco tempo na escola. A identidade da escola reside num conjunto de professores que trabalham há

muito tempo ou que pelo menos têm raízes com a própria escola. Há sempre forças que tendem para outro lado, mesmo que me seja difícil falar desta maneira, há sempre interesses instalados que interferem com a vida democrática da escola.

**P: Em sua opinião quem define a estratégia da escola, o director pedagógico/direcção pedagógica ou a direcção administrativa? Quais destes actores reúne maior poder?**

R: A actual DA é muito recente, nem abarca o ano lectivo todo. A direcção anterior herdou um legado da outra direcção muito mais forte, um papel muito mais importante que sobrepunha o administrativo ao pedagógico. Ou seja, a escola tinha realmente uma DP, mas como escola não existia. ela tinha um papel, a DA muito forte. Privilegiaram-se outras manifestações que abarcavam outras instituições e a escola não era tida nem achada. Há uns tempos para cá, felizmente, a DA percebeu que a escola tem o seu lugar e a DP, parece-me, ganhou mais poder e a estratégia passa muito mais por aquilo que a DP pensa do que por imposições administrativas. Os projectos que se desenvolveram ligavam-se essencialmente a projectos administrativos, com grande visibilidade mas que não passavam pela responsabilidade da DP nem da escola, desde o festival à orquestra. Não sendo algumas delas da organização e responsabilidade directa da Academia estavam, por razões administrativas, instaladas na Academia.

**P: Na sua perspectiva vê alguma vantagem na participação de actores externos na vida da sua escola, como pais e outros elementos da comunidade?**

R: Nunca vi nesta escola um empenho muito grande da comunidade educativa. É pena porque há escolas desta natureza em que os pais participam calorosamente na realização de actividades. Aqui nunca tive a percepção de que os pais ou outros agentes participassem muito na dinamização da escola. A escola faz coisas engraçadas porque esta terra tem salas de espectáculos muito interessantes. Que a escola tem um lado visual interessante tem, agora as pessoas não vêm até nós. Nós fazemos de vez em quando espectáculos que dão nome à escola mas não existe uma interacção entre a escola e esses agentes. A Câmara Municipal não faz mais por esta escola do que faz pelas outras, subsidia a escola e cede as instalações. A Academia poderia ser um

agente muito mais proeminente nas manifestações culturais da Câmara. Deveriam ser privilegiadas relações mais institucionais entre a autarquia e a escola até para justificar os apoios que são concedidos. No fundo rentabilizava-se o que a Câmara despende e na medida em que a Câmara apoia também deve exigir contrapartidas. A Academia tem que dar retorno a quem a apoia.

**P: Na sua opinião quem sabe mais da vida da escola, sobre os alunos, os professores, os pais, etc.?**

R:A Directora Pedagógica sem dúvida nenhuma, dos aspectos directos, indirectos, do conhecimento dos professores, do meio, etc., se bem que conhecendo a realidade da escola terá também dificuldade em conhecer tão bem alguns professores exactamente porque estão muito pouco tempo na escola, algumas horas ou em dias em que ela não está. Eu próprio conheço muito bem as pessoas que aqui trabalham mas há uns sete ou oito colegas que de facto não conheço. Em termos de trabalho de escola não existe esse conhecimento. Mas a escola está a mudar está a renascer. Mais que todas as outras esta escola precisa de renascer. Há escolas que estão em processo de transformação, esta está em processo de renascimento. Ela perdeu-se com as disputas políticas que se verificaram, com esse diluir da escola em disputas administrativas e financeiras e eu sinto que a escola teve o seu auge e o perdeu e parece-me que está novamente a renascer. Isto deve-se a um conjunto de professores que vêem a música de uma forma mais profissional e artística.

**P: Se por um dia lhe fosse concedido o poder de mudar algo na sua escola, o que faria preferencialmente?**

R: A nível administrativo a primeira medida seria pagar 14 meses a todos os docentes. Solucionaria imediatamente esse problema que considero de uma grande injustiça. Em termos pedagógicos empenharia mais os professores na vida da escola. Motivava mais os professores para a participação nos projectos pedagógicos. Investiria na criação da tal identidade que falava atrás nos professores que não suam a camisola e que raramente estão presentes. Com estas medidas teria uma escola mais escola. O maior defeito pedagógico que a escola tem é a existência de um conjunto de professores que se empenham e um conjunto de professores que se estão a “borrifar”. Atenção, não são maus professores mas estão-se a borrifar. A primeira medida que tomaria não seria

pô-los a tocar uns com os outros, seria, no fundo, consciencializá-los, esclarecê-los, através de encontros e reuniões e a partir daí todos sabiam que o papel do professor consiste não só em leccionar aulas e receber os honorários respectivos mas também de integrar o “edifício” escolar.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Agostinho Vieira, Junho/2003